

IV Seminário de Comunicação e Territorialidade

“Comunicação contra as desigualdades”

PósCom-Ufes – Centro de Artes – Campus de Goiabeiras

17-18 de Outubro de 2018

COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA: o instrumento de voz da periferia de Vitória

Barbara C. NASCIMENTO

1 INTRODUÇÃO

2 COMUNICAÇÃO: DO INÍCIO AO COMUNITÁRIO

3 VOZ AO POVO DA ILHA DAS CAIEIRAS

4 CONCLUSÕES

5 PALAVRAS-CHAVE

1 INTRODUÇÃO

A comunicação surge na era das cavernas e muda toda a estrutura de vivencia concebida até então, se tornando um instrumento de voz para quem a detinha. A evolução tecnológica possibilitou a ampliação desta comunicação em diferentes meios (Jornais, Revistas, Rádios, Televisão e o Ambiente Digital). Com a tecnologia e o advento da Comunicação Comunitária esse poder se tornou democrático e até quem tinha pouca ou nenhuma voz com a mídia tradicional, nesse novo modelo passa a ter.

2 COMUNICAÇÃO: DO INÍCIO AO COMUNITÁRIO

A comunicação sempre permeou a sociedade e a sua estrutura. Tendo início com a gestualidade e a oralidade, que foram durante muito tempo um dos principais meios de comunicação da pré-história e da antiguidade, mesmo com a escrita.

A fabricação do papel, o início do jornalismo e da imprensa e a criação da prensa, possibilitaram a divulgação de informações de forma rápida e menos restrita, como relata Albert e Terrou (1990). Isso possibilitou a criação de conteúdos e materiais por grupos menores, comunitários e até entidades comerciais.

De lá para cá a imprensa ganha força durante a revolução francesa. “A população começa a buscar neles as últimas informações. Desde então, cabe ao jornalismo o papel de informar, interpretar e até entreter o leitor, passando assim a ter uma relação entre quem escreve e quem lê”, (NASCIMENTO, 2017, p.26).

Com os acontecimentos e as guerras posteriores, ela evolui com a ajuda da tecnologia e chega ao Brasil em 1801, junto com a corte portuguesa. A partir do século XX, profissionaliza-se, contando com telefones e máquinas de escrever.

Todas essas mudanças abriram portas para uma consolidação da imprensa no país, que com o passar dos anos abrangeu revistas, programas de rádio e TV, fazendo com que o jornalismo alcançasse não apenas o público que sabia ler, mas a toda a população, de forma mais democrática.

A palavra democracia passa a ser importante nos processos comunicacionais brasileiros. Com mídias tradicionais, ou de massa, já enraizadas, um novo tipo de comunicação passa a ganhar força na década de 1970, abrindo caminhos e enfrentando a Ditadura Militar, vigente no país desde 1964.

Essa proposta não só impacta a produção dos veículos, já que gera a possibilidade de novos conteúdos, como também segmenta o mercado, facilitando o surgimento das revistas. Se antes existiam títulos com certos conteúdos, agora elas também passam a ser para determinados grupos.

Entre os anos 1970 e 1980 o país encontrava-se no regime militar, que além de ocasionar um período de grande repressão e censura aos meios de comunicação, também foi o responsável pelo surgimento de diversos movimentos no Brasil e na América Latina.

Vindo como uma opção aos meios de massa, que a essa altura ou se calavam ou passavam a atuar no mesmo lado que o regime, a comunicação alternativa se firmou como um novo modelo, como pontua Peruzzo:

Em síntese, a comunicação popular e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Possui conteúdo crítico emancipador e reivindicativo e tem o “povo” como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa. (PERUZZO, 2006, p.4).

Foi por meio de itens como as revistas que essas pessoas conseguiram se expressar. Um exemplo disso é a revista Da Ilha: olhares que se cruzam. Fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nasceu com o intuito de dar voz aos moradores periféricos de Vitória, além de contar e perpetuar as histórias deles. Falando sobre um bairro a cada edição, teve como piloto a Ilha das Caieiras, na região da Grande São Pedro.

Assim, entramos na Comunicação Comunitária, entretanto, para entendê-la é preciso compreender os preceitos de comunidade e territorialidade. Apesar dos diversos estudos e conceitos ao redor da palavra comunidade, até hoje a definição universal dela não existe.

Para Peruzzo (2006), ao citar Maciver e Page (1973), ela representa a convivência em conjunto. Assim, é o local onde membros de qualquer grupo, independente do tamanho, vivam juntos e partilhem condições básicas de vida. É o caso da Ilha das Caieiras, que já foi considerada uma colônia de pescadores e hoje é um bairro em grande parte residencial, mas que ainda mantém a ideia de cooperação e vizinhança.

Já Henriques (2005) pontua que a palavra sempre se referirá a um ponto em comum entre as pessoas, um elo. Esses conceitos ainda remetem às comunidades a territorialidade, no qual o “centro”, ou seja, o ponto de encontro desses grupos, se dava em torno de praças e igrejas.

A partir da tecnologia e a existência de meios como o telefone e a internet, as distâncias físicas passam a não limitar mais a criação de comunidades. Os interesses e gostos em comum entre esses grupos o fizeram. Toda essa evolução fez com que o “centro” não existisse mais. Assim, voltamos à Comunicação Comunitária, desta vez, entendendo que a mesma não atua mais em prol de um grupo físico, mas agora, sem barreiras, torna-se muito mais abrangente.

Exercido pela Comunicação Comunitária, o direito do cidadão de receber informação passa a ser também o de produzir, como revela Peruzzo (2006). Essa abertura permite que as minorias tenham voz e usem tais meios para gerar mudanças. A partir do apontamento da autora, surge a vontade de falar sobre o bairro e perpetuar as histórias dele por meio da revista, utilizando-a como um instrumento para esse fim.

3 VOZ AO POVO DA ILHA DAS CAIEIRAS

Mesmo nos dias atuais, há uma necessidade manter viva a voz das minorias, entre elas, a periferia. Pouco retratada pela mídia tradicional, surge na Comunicação Comunitária a esperança de conhecer de fato essa parcela social, que além de dividir o mesmo território, também tem os mesmos interesses e identificações, reforçando a territorialidade.

Presente no mapa de Vitória desde 1848, a Ilha das Caieiras só se torna alvo de habitação por volta de 1938, quando os colonos das fazendas de café e os mercadores se mudaram para o local buscando vida nova. Diversos períodos marcaram a história do bairro: a fábrica de cal, a ocupação desordenada da região, até chegar à pesca e ao desfilio de mariscos, que juntamente com o turismo e a gastronomia movimentam economicamente a localidade até os dias atuais.

Mesmo sendo um dos quatro principais polos gastronômicos da capital, de acordo com a Prefeitura de Vitória, o bairro está situado na periferia da cidade. Em contrapartida, vem dele uma das principais fontes de história e memórias sobre o território capixaba. Entretanto, é válido destacar que quase não há registros oficiais sobre, nem pela mídia tradicional. É em meio ao cenário de desigualdades que enxerga-se na revista uma porta de imortalização e um local de fala para o mesmo.

4 CONCLUSÕES

Conclui-se que a Comunicação Comunitária, que serve de força-motriz da luta desse povo, levou tais informações a todos os cantos da cidade, compartilhando uma realidade e quebrando paradigmas e barreiras sociais e territoriais existentes até então. O que antes permanecia em um ciclo fechado, ultrapassa isso com a revista e passa a formar novas comunidades, dessa vez, por meio dos interesses em comum.

Indo além, é possível compreender que uma revista que permita que eles contem suas próprias histórias de vida e a dos seus bairros de origem, por exemplo, reforça não apenas as raízes da Comunicação Comunitária, como cria uma rede de fortalecimento das comunidades.

5 PALAVRAS- CHAVE

Comunicação Comunitária. Revista. Territorialidade

6 REFERÊNCIAS

ALBERT, Pierre; TERROU, Fernand. **História da imprensa**. São Paulo: Martins Fontes editora, 1990. Ed. 2.

BORGES, Mariana. **Guia de turismo “pelo mundo”**: a viagem em suas mãos. 2013. 76f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Sistema Faesa de Educação Faculdades Integradas São Pedro, Vitória.

HENRIQUES, Márcio Simões. Comunicação, comunidades e os desafios da mobilização social. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2009, Rio de Janeiro. **Artigo**, Rio de Janeiro: Intercom, 2009. p. 4-7.

MACIVER, R.M.; PAGE, C. **Comunidade e sociedade como níveis de organização social**. In; FERNANDES, Florestan (org.). Comunidade e sociedade. São Paulo: Nacional, 1973.

NASCIMENTO, Barbara. **Revista Da Ilha**: olhares que se cruzam. 2017. 120f. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Sistema Faesa de Educação Faculdades Integradas São Pedro, Vitória.

PERUZZO, Cicilia Krohling. Revisitando os conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Artigo**, Brasília: Intercom, 2006. p.4-13.